

*"A tentativa de corrigir o irmão, de ajudá-lo no processo de conversão, não é nada fácil."*

Com este enunciado do Padre Álvaro Barreiro, SJ, abrimos o editorial da nossa revista, já deixando entrever a dificuldade de se tratar de um tema tão polêmico, hoje em dia, sobre o qual quase ninguém quer dizer algo e, muito menos, praticá-lo.

Um Jesuíta, dois Monges Trapistas, uma Monja Beneditina e um Teólogo leigo vão ousar apresentá-lo aos nossos leitores, cada qual com o seu enfoque pessoal.

Assim, Pe. Barreiro apresenta a CORREÇÃO FRATERNA na ótica da Escritura. Assinala algumas dificuldades em retomar formas comuns antes dos anos 60, abandonadas por terem se tornado meramente formais e estéreis. Daí o seu cuidado em situar o tema no Evangelho, de modo especial no de Mateus e nos Escritos Paulinos. Faz notar, logo no início, a importância dos textos bíblicos como fundamentação para a correção e como inspiradores da oração que, segundo ele, sempre deve preceder ao exercício da *correção fraterna*. Sem a prática da oração, afirma sabiamente o autor, ela não produzirá os frutos esperados.

Pe. Bernardo Bonowitz, monge trapista, com um jeito especial de expressar o seu pensamento, coloca a correção fraterna entre as pequenas coisas que constituem o caminho da nossa salvação. Recorre a vários autores espirituais como Antão, Cassiano, Bernardo, os Padres do Deserto e São Bento, para ajudarem a "compor" a "*nossa profissão de fé*" na *correção fraterna*. Se é experimentada hoje como difícil, deve ser por que a fé sobre a qual está firmada se tornou vaga ou oscilante, tanto para os que a ministram como para os que a recebem, nos diz o seu artigo.

Ao Pe. Armand Veilleux, também monge trapista, coube a tarefa de propor o ensinamento da REGRA DE SAO BENTO sobre a CORREÇÃO FRATERNA. Examina mais detidamente os capítulos 23 a 30 e 43 a 46 da Regra Beneditina que constituem o que geralmente é chamado de "*código penitencial*", mas que, na verdade, seria mais justo chamar de "*código medicinal*" já que, diz D. Veilleux, todas as formas que aí são descritas não tem como finalidade a punição mas a cura e a conduzir a uma verdadeira conversão do coração.

Madre Mectildes Vilaça Castro, com sua experiência de longos anos de abaciado e em estilo sapiencial, acompanha a trajetória - do romantismo à realidade - de uma jovem

que entra para o mosteiro “*disposta a assumir as exigências de nossa Regra que mal conhece*”. Mostra como este “fervor noviço”, esta fase de encantamento dá lugar a um realismo sadio sobre si mesma e sobre a comunidade, quando encontra um clima de diálogo entre pessoas, “*não perfeitas*”, mas que caminham humildemente na busca da realização monástica pessoal e comunitária. Sem isto, conclui a Madre, todo e qualquer ritual de *correção fraterna* pode tornar-se insatisfatório ou artificial.

Um caminho um pouco diferente de todos estes é apresentado na COLUNA MESTRA, geralmente dedicada aos formandos, no artigo intitulado OS PAIS DO DESERTO E A CORREÇÃO FRATERNA. Seu enfoque está voltado para os irmãos que passam por dificuldades ou crises e para aqueles que com eles convivem. Trata-se, na verdade, de um texto compilado e adaptado do livro: “*Por que julgas teu irmão?*” que será publicado ainda este ano pelas Edições Subiaco, da autoria de Elias Voulgarakis, Teólogo leigo já falecido, ex-docente de Pastoral Missionária na Faculdade de Teologia da Universidade de Atenas.

Finalmente, deixemo-nos maravilhar com Teótimo, já nosso conhecido, na página RELATOS...

Ir. Paula Iglesias, osb